

O lançamento de "Alexandra Alpha"

Cardoso Pires ajusta contas com Portugal

Fernando Dacosta

Cinco anos depois de ter escrito "A Balada da Praia dos Cães", vencedora do primeiro Grande Prémio de Romance e Novela da APE e "best-seller" de irrecusável ressonância, José Cardoso Pires publica "Alexandra Alpha", em lançamento na próxima semana.

Administrador excepcional do seu talento, o escritor soube tornar, pela qualidade, pelo rigor, cada livro uma referência na literatura. O "Hóspede de Job" (contos), o "Anjo Acorado" (novela), "O Renter dos Heróis" (teatro), "O Delfim", a "Balada da Praia dos Cães" (romances) são-nos, com efeito, (ainda não conhecemos "Alexandra Alpha") obras angulares; uma a uma foram afirmando-se

acontecimentos culturais marcantes — que no saber criá-los reside uma das peculiaridades mais notáveis deste autor. Traduzido em diversos países e estudado em diversas universidades, José Cardoso Pires vive hoje exclusivamente da literatura depois de ter passado pela publicidade ("Alexandra Alpha" reproduz esse universo) e pelo jornalismo (foi director-adjunto do "Diário de Lisboa").

Cordão de prata

"Logo que acabei a Balada peguei neste texto, mas eu tenho um ritmo muito difícil, terrível...tenho, sempre tive, baixo rendimento de trabalho. E agora muito mais, com a idade". "Comecei a escrever Alexandra Alpha com a forma de pequenos apontamentos, depois parei, depois recomencei, por aí adiante".

Há meses largou o original na "D.Quixote" e no "Círculo de Leitores" sem lhe cortar, porém, o cordão de prata, em tortura de revisões, de retoques, de prolongamentos até que, de vez, as máquinas lho levaram. Agora trazem-no em belas capas, em belas edições e espalham-no ante o seu olhar exausto.

Sozinho ("a solidão é-me indispensável"), defronte do



José Cardoso Pires

Cada livro seu é uma referência na nossa literatura

oceano ("o mar permite-me uma sensação de isolamento vivo"), numa mesa triangular ao fundo da casa da Caparica, José Cardoso Pires escreve

com lentidão, interrompendo-se amiúde, interrogando-se amiúde.

"Há uma lógica no acto criativo de que nunca nos apercebemos. Uma das coisas mais fortes, mais exaltantes na literatura são os acasos, são os casos que surgem que acabam por funcionar como uma iluminação".

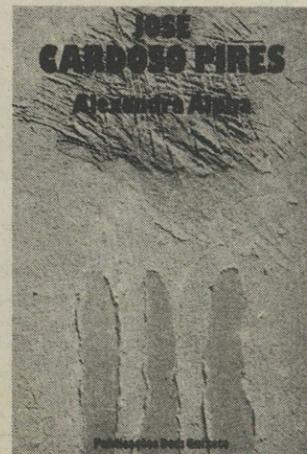
Imortalidade nacional

Crispado, constroi uma obra notável que depressa o projecta na imortalidade nacional. "Não se pode escrever sem conhecer. Escrever uma frase demora horas, o que não tem nada a ver com a frase. Talvez por isso cada escritor escreve só um livro, por muitos que publique, é apenas um livro que ele escreve". "Alexandra Alpha" é uma nova etapa, uma outra face dessa unidade. História do ajuste de contas entre uma mulher e o filho, "um mentiroso que a engana", emerge, diz-nos, como metáfora de um país, de um tempo de difícil relacionamento — como já o fora, aliás, "O Delfim".

O escritor esquiva-se no entanto a falar dela: "Detesto referir-me a um livro enquanto não está nas mãos do leitor, faze-lo é uma espécie de pressão sobre quem o lê depois". Partindo do conto para o romance, José Cardoso Pires renovou, num e noutra, a escrita portuguesa, pelo seu estilo, pelo seu universo, pelo seu despojamento, pela sua modernidade. Com ousadia rompe a colonização cultural que nos subjuga e abre novos espaços à nossa diferença. "Ontem mijava-se perante a França, hoje mijava-se face à América". "A colonização cultural dá cabo da gente".

Valores nacionais

Os escritores portugueses conseguiram resistir e, com a liberdade trazida pelo 25 de Abril, impor a sua criatividade, a sua pujança. "Nunca Portugal teve, na ficção, uma variedade tão grande, tão plural como agora. Hoje temos obras com uma construção mais rica, mais original do que jamais tivemos e também melhores do que a França, a Espanha e a Inglaterra. Não tenho a menor dúvida sobre isso". "Só que a sua repercussão não é proporcional ao valor literário. A nossa literatura está ligada a outros factores, de ordem política, económi-



Novo romance

Metáfora de um país, de um tempo de difícil relacionamento

ca", "está dramaticamente dependente do mercado cultural. As pressões censórias do mercado cultural são enormes e fazem-se pela subversão dos valores profundamente nacionais".

Talvez por isso em Portugal as pessoas "não reconhecem ao escritor o direito de viver apenas da escrita". "Choca-me muito a ideia que aqui se tem do escritor, do livro, uma coisa simples que se escreve no intervalo do almoço ou numas férias...a imagem é a de que escrever não custa nada. Um banqueiro que foi ao lançamento da Balada perguntou-me o que é que eu fazia na vida. Respondi-lhe que escrevia e ele atacou-me de imediato: e isso dá?". "Segundo as mentalidades dos grandes senhores, o escritor não precisa de nada. Já o Salazar pensava assim e por isso é que ainda hoje alguns professores da faculdade aconselham os alunos a não comprarem os nossos livros. Dizem que é suficiente levar a página tal fotocopiada num sítio qualquer".

Esperança desesperada

Complexo como pessoa, "terrivelmente inquieto" dizem familiares seus, Cardoso Pires é, como escritor, de uma clareza por vezes tocante. "Eu trabalho muito, produzo é pouco. Trabalho muito porque, como costume dizer, penso bastante com o bico do aparo. Preciso de uma grande anarquia para escrever e a anarquia requer tempo".

Para escrever, como para viver, não há regras. "Não, não há. Ou se as há cada um inventa-as para uso próprio. Por mim costume deixar à solta os meus vícios e as minhas obsessões no acto de escrever. No fundo o que define o escritor é o descobrir por si próprio novas relações de comportamento. A primeira coisa necessária para escrever é saber gramática, a segunda é esquece-la".

Aos que lhe pedem para se definir, José Cardoso Pires (autor de um volume significativamente intitulado "E agora, José?") responde ser apenas uma pessoa que "desconfia das suas próprias contradições" e vive "cada vez mais em esperança desesperada".

(Extractos de entrevistas a "O Jornal", "Mais", "Diário de Notícias" e "Ler")